

SOBRE A PRESENÇA DE MANOEL BOMFIM NP PENSAMENTO SOCIAL
BRASILEIRO, NO CENTENÁRIO DE *A AMÉRICA LATINA MALES DE
ORIGEM*

Ronaldo Conde Aguiar*

(Aluizio) Vou passar aqui a palavra para o professor Ronaldo Conde Aguiar. Já falei aqui da publicação do livro do Ronaldo, *O rebelde esquecido- tempo vida e obra de Manoel Bomfim*, da Topbooks, que aliais tem reeditado as obras do autor de *A América Latina males de origem*. Bem, vou passar a palavra para o professor Ronaldo que estamos ansiosos para ouvi-lo.

(Ronaldo) Bom, em primeiro lugar eu gostaria de saudar a todos os presentes especialmente a professora Luca (Maria Lucia Maciel), minha amiga, prazer tê-la aqui e agradecer a presença de todos vocês. Estou vendo que a maior parte são estudantes. Aproveito também para agradecer o convite do meu amigo Aluizio, cumprimentar o André e a professora Rebeca e dizer que eu me sinto muito feliz de estar aqui falando sobre...

(Aluizio) Aliais, você é um antigo aluno dessa casa...

(Ronaldo) É. Eu estudei minha graduação na velha *Faculdade Nacional de Filosofia*. Isso já vai muito tempo. Talvez eu seja o mais velho que esteja aqui nessa sala. Mais eu estudei na Avenida Antonio Carlos, prédio de grandes tradições na história, na luta contra a ditadura, etc, etc, etc. E depois eu segui outros caminhos, mas sou colega de vocês.

Bem, eu gostaria de falar aqui sobre alguns aspectos do *A América Latina males de origem*, e é interessante que o André tocou em dois pontos que eu tinha selecionado para falar. Eu acho que é interessante falar nessas questões. O André citou e lembrou um conhecido comentário feito pelo professor Antonio Cândido a respeito do *América Latina*. De fato o Antonio Cândido diz que o Manoel Bomfim faz um diagnóstico radical. O Antonio Cândido chega a comentar mesmo e a dizer que ele foi o mais radical pensador do início do século passado, e de fato foi. Mas o professor Antonio Cândido, nesse artigo já citado pelo André, nos fala que a proposta educativa

de Manoel Bomfim no final do livro da *América Latina*, configurava, para ele, um decepcionante estrangulamento da argumentação. Pois ele esperava, a partir do radicalismo das posições do Manoel Bomfim no diagnóstico, na análise dos males da *América Latina*, uma teoria da transformação das estruturas sociais como condição necessária a superação do atraso da região.

Segundo Antonio Cândido, Manoel Bomfim se deixou levar pelo que ele chama de "ilusão ilustrada". Mas eu acho que tem uma questão importante que eu chamei atenção no meu livro, que de fato se nós levarmos em conta que Manoel Bomfim colocou como forma de superação dos problemas, dos males da América Latina que ele tinha diagnosticado, a questão educacional, mesmo e sobretudo como ele falou uma educação conscientizadora, Manoel Bomfim foi muito claro, ele nunca falou numa educação apenas transmissora de informações. Ele falou de uma educação conscientizadora. Se de fato a proposta dele é uma educação conscientizadora vis-à-vis o diagnóstico dele nós estávamos diante de um impasse teórico, de um impasse argumentativo muito mais sério do que o apontado pelo professor Antonio Cândido. Sobre este impasse o André falou, *en passant*. Como fazer uma educação conscientizadora numa sociedade que segundo Manoel Bomfim era dominada por uma classe dirigente refratária e tacanha? Ou seja, uma classe dominante que apenas explorava o povo e não tinha nenhum compromisso nem com a nação nem com o povo. Como esperar que essa classe dominante permitisse a educação conscientizadora?

Bem, no *Brasil Nação*, Manoel Bomfim faz uma espécie de autocrítica. Ele analisa, o *Brasil Nação* é um livro que ele publicou em 1931, um ano antes dele morrer. E ele publicou esse livro e lá ele faz uma espécie de autocrítica dizendo que ele passou a vida discutindo a educação, falando sobre a educação, defendendo a educação, mas ele tinha constatado que as elites do país eram refratárias a qualquer tipo de solução. E que ele já não via solução dos problemas brasileiros, e aí vai uma expressão dele, "nos planos da normalidade". E Manoel Bomfim fala então de uma revolução. E o interessante é que ao fazer comentário sobre uma revolução prévia ele comenta a revolução soviética, revolução bolchevista, e ele fala com toda a clareza que o Brasil não estava preparado para uma solução bolchevista. E ele fala uma coisa interessante. Primeiro, não havia classe operária no Brasil nessa época. A classe operária eram pequenos grupos completamente dispersos e sem consciência política.

Na sociedade como um todo não havia a questão da consciência da população no sentido de buscar uma revolução bolchevista. Isso é até interessante porque num livro escrito recentemente, recentemente não, a uns 8 anos, 10 anos, por um jornalista da Globo chamado William Waack. Ele escreveu um livro chamado *Camaradas*. E esse livro surgiu de uma pesquisa que ele fez na Alemanha Oriental e também em Moscou a partir de uma sugestão de um dos filhos do Prestes, ele foi aos arquivos do *Cominter*, que era o setor do *Partido Comunista da União Soviética* voltado para as políticas internacionais inclusive das lutas revolucionárias nos outros países. E ele examinou as correspondências entre o *Partido Comunista Brasileiro* e o *Cominter*. E ele encontrou coisas absolutamente espantosas. Havia documentos brasileiros escritos pelo secretário geral do partido comunista, na época, falando que no Brasil, naquela época, 1930, 1932, 1933, havia um movimento político de tal ordem na sociedade que o povo ocupava fábricas. Ocupava terras e precisava de um elemento deflagrador da revolução bolchevista. Bom, os acontecimentos de 1935 mostram que as coisas não eram exatamente como ele dizia. Manoel Bomfim dizia ao contrário. Eu acredito inclusive que isto talvez explique um certo patrulhamento que Manoel Bomfim sofreu por parte da esquerda, porque Bomfim foi vítima tanto da direita quanto da esquerda. Tanto a direita quanto a esquerda puniram Bomfim. E eu acredito que por causa disto ele tenha sido vetado pelas esquerdas. Existem vários autores de esquerda que passam ao largo de Manoel Bomfim. Não citam Bomfim. Eu só conheci um que inclusive escreveu uma carta falando da importância do Manoel Bomfim que foi o Nelson Werneck Sodré. Mas os intelectuais, os historiadores do Partido Comunista, simplesmente ignoraram Manoel Bomfim. Então não foi só a direita. Mas o Manoel Bomfim nós fala então que a revolução bolchevista não tinha condições de acontecer no Brasil. Não havia classe operária, o nível de consciência era baixo, apesar das invasões que eram informadas na União Soviética. Manoel Bomfim então propõe uma revolução nacional popular. Uma revolução no estilo mexicana e encerra o livro.

Quando ele encerrou o livro ocorreu em outubro a Revolução de 1930. Manoel Bomfim recolhe o livro e escreve um posfácio. Nesse posfácio ele diz uma coisa assombrosa. Esta não é a revolução que eu proponho, porque não é uma revolução que vá mudar as estruturas etc, etc, etc... e vai por ai fora. E aproveita esse posfácio para fazer um programa mínimo que uma revolução no Brasil precisava levar adiante. E é interessante que ele fala em reforma agrária, e de uma série de coisas

que ainda estão ai no nosso dia-a-dia. Eu acredito que foi uma das razões pelas quais em 1937 os livros do Bomfim foram todos retirados das bibliotecas porque ali ele tinha negado a Revolução de 1930.

Então vejam vocês, Manoel Bomfim ficou entre dois fogos. Ele ficou entre a esquerda porque ele diz que uma revolução do tipo da bolchevista era inviável no Brasil e ficou contra a nova ordem instituída com a Revolução de 1930, dizendo que aquela revolução não iria alterar o país da maneira que ele propunha, e ele propôs – como observamos.

Eu contei essa história para dizer para vocês o seguinte: este ano, com a *América Latina* faz 100 anos, eu andei folheando o livro, não fiz uma leitura muito profunda, detalhada e tal, mas andei folheando até em homenagem a ele porque infelizmente Manoel Bomfim passou muito despercebido nesse 100 anos do *América Latina*. Semana passada eu estive em Aracaju participando de um debate, um simpósio. Eles fizeram um seminário de uma semana, mas lá é a terra dela, lá todo mundo cultua Manoel Bomfim. Manoel Bomfim lá é um acontecimento, um culto, etc. O prefeito inclusive ajuda muito e tal, esse negócio todo. Mas se veja que no Brasil, estamos aqui no começo de dezembro, o Aluizio organiza essa pequeno acontecimento aqui mas vocês vejam que Manoel Bomfim passou batido, né. Ano que vem parece que é o centenário de Carmem Miranda. Vai ter bastante coisa no Brasil. Manoel Bomfim não chegou a esse status. Bem, mais o que eu quero dizer é o seguinte, esse ano é um Ano importante para Manoel Bomfim. Porque esse ano faz também 100 anos do lançamento da revista *O Tico-Tico* que foi Manoel Bomfim um dos fundadores. Então reparem que nós temos *O Tico-Tico*, temos *A América Latina*, e temos a grande conferência que ele fez na *Escola Normal*, conferência intitulada *O respeito à criança*. Vejam vocês, numa conferência feita no tempo da palmatória Bomfim defende a liberdade das crianças se expressarem abertamente em sala de aula. Isso na presença do vetusto presidente da República, do prefeito, de educadores etc, Manoel Bomfim faz um discurso absolutamente inovador. E mais uma outra coisa que ele fez em 1905. Havia nessa época, aqui do lado, na rua Luis de Camões, onde hoje é o *Centro Cultural Hélio Oiticica* era, no começo do século passado, a *Escola de Música*, lá acontecia aos sábados as chamadas “Conferências Literárias”, onde os autores, é incrível né, como as coisas se repetem no Brasil. Naquela época eles faziam conferências sobre temas como “A Tristeza”, que foi feita pelo Olavo Bilac; “A

Dor”, que foi feita pelo Alcino Guanabara; e Manoel Bomfim fez uma palestra sobre “O Ciúme”. Essa palestra eu comento bastante no meu livro, mas está na revista *Os Anais*, ela integral. A revista *Os Anais*, para quem queira consultá-la, tem na *Fundação Casa Rui Barbosa*.

Bem, eu falei isso tudo isso daí e aproveitei para fazer uma pequena homenagem ao Manoel Bomfim que em 1905 estava a todo pavor, produzindo e capeteando ai pelo Brasil, eu quero dizer para vocês o seguinte, ao estudar *A América Latina* eu encontrei inúmeras passagens que agente não se dá muito conta quando está lendo, e também muito influenciado pelas palavras do Antonio Cândido, em muitas partes dentro do livro, Manoel Bomfim fala na solução revolucionária, na América Latina. No final quando ele fala da solução educacional ele não a coloca como um pressuposto. Eu tenho hoje uma releitura. Eu não vi Manoel Bomfim falar como uma superação. Eu acho que ele fala como uma forma do Brasil se desenvolver precisa da educação. Ao longo do livro ele fala em revoluções. E fala na necessidade da transformação social. Vou dar alguns exemplos.

Na página 164, marquei aqui, vocês desculpem, mais eu vou apenas olhar aqui para dizer para vocês. Na página 164 e um pouco antes e um pouco depois ele faz uma profunda crítica ao conservadorismo. Crítica, aliais, que mostra que Bomfim foi o primeiro crítico do governo Lula. Prestem atenção. Ele foi o primeiro a criticar o governo Lula. Prestem atenção. Ele fala do conservador ... que a classe dominante no Brasil era essencialmente conservadora. Não queria mudar nada, não se interessava por nada que não fossem os seus ganhos, etc, etc, etc. E ele dá como exemplo o conto *O alienista* de Machado de Assis. E ele fala lá, claro que muitos de vocês conhecem mas eu vou apenas lembrar porque tem menino novo aqui que talvez não tenha lido ainda.

Simão Bacamarte era um alienista, um psiquiatra que foi para Itaguaí para ser o administrador da chamada Casa Verde. A Casa Verde era o hospício. E esse Simão Bacamarte que valorizava a ciência e a toda hora fala que só ele era pautado pela ciência etc, etc... conversava com as pessoas e a partir das conversas que ia tendo com elas ia diagnosticando que não eram muito certas da cabeça. E ele usava um poder militar. Ele tinha os guardas que iam lá prendiam a pessoa e as levavam para a Casa Verde. Com o correr do tempo todo mundo estava indo para a Casa Verde,

inclusive a mulher do prefeito; com quem ele conversou achou que a mulher era meio louca. Bem, ele começou a encher a Casa Verde e ai houve uma revolta liderada pelo barbeiro Porfírio. Porfírio fez uma revolta. Reuniu o povo e fez um discurso inflamado contra a violência, o autoritarismo, o poder constituído que estava simbolizado na Casa Verde e na figura do Simão Bacamarte. E, eles vão lá invadir. Cercam a Casa. Derrotam e prendem a polícia de Simão Bacamarte que se retira para dentro do hospício. Simão Bacamarte se esconde no gabinete dele pensando que vai ser enforcado, fuzilado, morto a pedradas, de alguma maneira e está lá esperando a invasão da Casa Verde por aquela turba revoltosa. Porfírio então decide que ele vai entrar e prender Simão Bacamarte. E ele entra; Porfírio, o líder da revolução. Ele entra, olha para o Simão Bacamarte e começam a ter um papo ameno. Conversa daqui e dali, Porfírio defende que não é possível fazer uma revolução que quebre as estruturas, "nós temos que conservar certas coisas". Bem, no final o alienista e o barbeiro conciliam.

O interessante é que Manoel Bomfim pega isso para mostrar o seguinte: mesmo os revolucionários no Brasil tem um viés, um "vírus" conservador importante que nas horas do "vamos ver" esse vírus se transforma na verdade. Então nessa passagem o livro, Manoel Bomfim fala da necessidade da revolução para mudar as estruturas ao mesmo tempo em que critica as revoluções que não levam até o fim os acontecimentos e critica, além do conservadorismo, algo muito comum na história brasileira que é a conciliação.

Bem, essa é uma primeira passagem. A outra passagem que Manoel Bomfim fala na necessidade de transformações e no momento em que ele faz um comentário a respeito do parasitismo. Eu não vou comentar aqui a teoria dele do parasitismo mas quero chamar a atenção que numa passagem lá ele faz uma distinção clara entre o parasitismo biológico e o parasitismo social. Ele coloca o parasitismo biológico como algo que não tem cura. Mas o parasitismo social não é irreversível e não é incurável. Tem cura. Podendo ser estripado pelos próprios parasitados, e ai ele vem, eu vou botar uma aspas "por meio da luta contra as diversas formas da exploração". E neste texto ele fala que a função dos parasitados sociais é lutar contra a dominação e os parasitas. Há inclusive um trecho em que Manoel Bomfim fala inclusive em luta armada. Ele usa essa expressão. Luta armada contra as diversas formas.

A terceira parte é a seguinte, eu não vou ler porque senão nós vamos longe mas em diversos trechos da obra do Manoel Bomfim nas páginas 280, 289,301 e 323, ele fala sobre a mesma coisa, inclusive num capítulo muito bonito que ele fala sobre o indígena ele desenvolve a teoria de que o indígena tem um amor exacerbado pela liberdade. Dai o fato deles terem sido dizimados. Foram dizimados porque não aceitavam a escravidão.

O negro, que estava numa outra situação, o escravismo na África etc; o negro em parte aceitou a escravidão, embora o negro também se revoltasse. Mas ele mostra claramente que o indígena foi destruído desde os Estados Unidos até o sul da Argentina pelo fato de não aceitar a escravidão. E ele fala disso ai como um exemplo para a sociedade. Esse é um aspecto que eu chamo a atenção na *América Latina* de Bomfim. Então aquela colocação que o Antonio Cândido fez e o André chamou a atenção eu acho que precisa ser repensada. Manoel Bomfim já no *América Latina* fala de situação de transformação social.

Bem, outro aspecto que eu gostaria de chamar a atenção é a respeito da análise que o André fez a respeito do Estado. E também outra questão que eu quero chamar a atenção de vocês. O André já chamou a atenção para alguns aspectos. Eu quero chamar a atenção de outros.

Manoel Bomfim era muito claro quando analisava o Estado brasileiro. Vinte anos antes do Raimundo Faoro nascer, ele já falava que o Estado que se tinha criado no Brasil era produto da transposição do Estado português com todos os seus vícios e que veio para aqui a fim de ajudar a metrópole, o Estado foi instalado assim para facilitar a exploração da metrópole sobre a colônia; facilitar a ação do parasita sobre o Brasil parasitado. Mas Bomfim não ficou só nisso. Bomfim foi mais longe. Bomfim faz talvez uma das análises mais políticas do Estado que vemos nos estudos sociais. Daquela época, tranqüilo, ninguém escreveu o que ele escreveu. E ele foi muito claro. Ele falou de Estado a serviço das elites, Estado opressor, Estado espoliativo, Estado antipovo. E ele falou muito claramente o seguinte; e ai eu discordo do meu amigo André quando ele diz que o problema era o Estado. Eu acho que Manoel Bomfim falou diferente. O problema era a dominação de classe, através da utilização do Estado para sacramentar a dominação de classe.

Eu não vou detalhar também, eu tenho aqui coisas sobre o Estado que eu não vou detalhar porque senão agente vai longe. Mas o Bomfim fez uma análise profunda do Estado. E a análise que ele fez, ele fez não só teórica, falando de como ele via o Estado, quer dizer, ele foi uma pessoa que tinha ai perfeitamente claro uma influência de Karl Marx nele a respeito do Estado. Influência clara. Ele não cita mas era clara. Mas ele também pega dados empíricos para mostrar isto. E ai ele faz uma coisa absolutamente surpreendente. Ele pega o orçamento e 1903 e faz uma análise, ele dissecou o orçamento de 1903. E ele mostra coisas absolutamente surpreendentes. Eu vou dar os dados para vocês, que eu acho que é importante. Ele mostra o seguinte. Ele diz o seguinte. Aqui é um texto meu, que vou ler, mas são dois ou três parágrafos. Não vou cansá-los, mais do que já estou cansando.

“O quadro das despesas orçamentárias correspondiam em 1903 a 330 mil contos de réis. Dos quais 122 mil contos, ou seja 37% do orçamento representavam os gastos diretos com a manutenção da máquina governamental”.

Ai o Bomfim diz uma coisa absolutamente importante, porque tem a ver com as coisas de hoje. Cento e trinta e dois mil contos, ou seja, 40% do orçamento era despesa com serviço da dívida, juros, amortizações, resgates, da dívida externa brasileira e 46 mil contos, ou seja, 13% eram os gastos com serviços de utilidade pública que era, no jargão da época, o que hoje, no jargão atual, nós chamamos de gastos sociais. E ele fala uma coisa – aqui é um trecho do Bomfim que vou ler.

“É espantoso. É monstruoso que um país novo onde toda a educação intelectual está por fazer, onde a massa popular é ignorantíssima, onde não há educação industrial nem técnica, onde o próprio meio e os seus recursos naturais não são conhecidos, é monstruoso que num tal país para um orçamento de 330 mil contos reservem-se 73 mil contos, 22%, para a força pública, e apenas 3 mil contos, ou seja, 1% do orçamento para tudo o que interessa a vida intelectual: ensino, bibliotecas, museus, escolas especiais, observatórios, etc. Gastam-se 73 mil contos com a defesa material do Estado, do Estado opressor, não se despende 1 tostão no intuito de melhorar a sorte destas populações que nascem infelizes, vivem sofredoras e morrem miseráveis”.

Então reparem só, o conceito de parasitismo, sobretudo o do Estado brasileiro, está refletido nesta análise que ele fez do orçamento de 1903. Ou seja, tributa-se a população e transferem-se recursos e bens para as elites. Pagam-se 132 mil contos em juros da dívida e investe-se apenas 3 mil contos em educação. Ele foi o primeiro crítico do governo Lula, claramente. Eu fiz uma comparação com os dados de hoje.

No governo FCH, no primeiro mandato foram pagos 197,4 bilhões de reais. No segundo mandato, foram pagos 268,3 bilhões. Dá um total de 465,7 bilhões de reais que foram mandados para o exterior. No governo Lula, este ano, de janeiro a setembro, de 2005, o Brasil pagou 299,4 bilhões de reais. Para vocês terem uma idéia eu fiz uma comparação com os impostos arrecadados no mesmo período, de janeiro a setembro. No governo Lula foram arrecadados de impostos, lembrem-se que nós pagamos impostos até por janela, né. Quatrocentos e oitenta bilhões de reais foram arrecadados no governo Lula no período de janeiro a setembro de 2005. E nós pagamos de juros 299,4 bilhões de reais, ou seja, nós pagamos de juros cerca de 62% do que arrecadamos... quantia exorbitante mandada para o exterior. O resto que sobra e para os tais gastos sociais, para pagar tudo mais, manter universidades, etc. No tempo do Manoel Bomfim eram 40%, hoje são 62%. Então o negócio vai longe. Então o Manoel Bomfim mostrou, fez uma análise que se aplica hoje perfeitamente ao caráter do Estado, etc.

Bem, eu queria falar só mais um ponto a respeito de um aspecto que não é tão importante mas eu acho que é legal falar. Eu disse para vocês que estive a semana passada em Aracaju participando de um debate lá. O problema é que eu cheguei lá na quarta-feira. E na terça-feira tinha ido um historiador mineiro chamado José Carlos Dias que escreveu um trabalho e falou lá, que eu cheguei no dia seguinte e ele não estava. Mas de qualquer maneira ele abriu uma polêmica comigo que eu vou topar. Vou topar porque ele leu Manoel Bomfim neste livro ¹, *O Brasil*, que está o nome aqui: Manoel Bomfim. Mas esse livro não é de Manoel Bomfim. Este livro aqui² é uma coletânea mal feita de Carlos Maul. Carlos Maul é um autor que entre outras coisas participou do movimento integralista, etc. Ele leu esse livro. Esse livro aqui é um livro interessante. Eu como professor não recomendo a nenhum aluno meu. Eu mando ler

¹ O palestrante levanta e mostra o livro para a platéia (nota do org. do Seminário).

² Idem.

os livros do Bomfim. Ler esse livro, é perda de tempo. Porque esse livro é o seguinte. Primeiro que não tem um trecho de *A América Latina males de origem*. Só tem trecho de *O Brasil na América*, *O Brasil na história* e o *Brasil nação*, só que um trecho expurgado. Esse livro expurgado, ele não fala do Bomfim, os trechos que o Bomfim é veemente, ele expurgou. A parte que o Manoel Bomfim fala em *O Brasil nação*, da necessidade de uma revolução, ele tirou. A crítica que Manoel Bomfim, no *Brasil nação*, faz ao fascismo, claro, ele tirou. Então o que ele fez foi o seguinte, reparem, vou mostrar o livro daqui vocês vão vendo daí. *O Brasil* na capa está escrito: Manoel Bomfim, da Coleção Brasileira. Tai aqui, Manoel Bomfim com uma nota explicativa de Carlos Maul. Esse livro é de 1935. Ai tem um índice, uma nota explicativa. A partir dai são trechos do Manoel Bomfim. Só que ele pegou um parágrafo, 10 páginas depois pegou outro e foi montando o livro. Esse livro é uma montagem de 3 livros de Manoel Bomfim. Salteando trechos e tudo mais. Você tenta ler esse livro é uma barafunda. Absolutamente maluco esse livro. Não serve para nada. O José Carlos Dias me atacou, porque eu no meu livro digo o seguinte sobre Carlos Maul. Aliais eu nem comento esse livro. Eu coloco apenas assim. Quando eu falo dos livros do Bomfim, dos trabalhos do Bomfim, cito todos, até artigos publicados no jornal, eu falo assim: O Brasil, coletânea das obras de Manoel Bomfim organizada por Carlos Maul, em 1935, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, etc. Ai eu digo o seguinte:

"... mal organizada. Os textos pessimamente ordenados e sem indicação de fontes está coletânea tornou-se uma referência negativa na obra de Manoel Bomfim. Além disso a coletânea não contém os textos de Bomfim de crítica a Revolução de 1930 e ao fascismo e sua apologia da revolução mexicana".

No final eu fiz uma espécie de glossário com os nomes citados no livro. E eu boto Carlos Maul e eu digo: "nasceu e tal, publicou tais livros, organizou em 1935 um coletânea título *O Brasil* reunindo trechos esparsos e sem indicações de fontes de livros de Manoel Bomfim. Entre os textos selecionados por Maul não se encontram aqueles selecionados por Bomfim critica a revolução de 1930 e os fascistas. Eu só falei isso do Carlos Maul. O José Carlos disse que eu era arrogante não, ele disse que eu era prepotente, petulante intelectual, sei lá, uma bobagem dessas qualquer ele recomenda, e recomendou em Aracajú, imagina, que todo mundo lesse Carlos Maul. Carlos Maul não tem nada escrito sobre Manoel Bomfim. É até uma coisa de maluco. E ele escreveu um texto citando Carlos Maul para falar do Bomfim. Agora a grande

heresia do texto dele é o seguinte. Ele chega a conclusão, lendo esse livro, de que Manoel Bomfim era racista. Mas racista especial. Ele não era racista em relação ao índio, mas era racista em relação ao negro. Quer diz, metade racista. Mas tem uma explicação que Carlos Maul, que ele não percebeu. Porque ele diz o seguinte no texto dele, o José Carlos Dias, que Manoel Bomfim fez a exegese do indígena e não valorizou o negro. Está no livro, não consta nada do negro. Claro, como bom fascista que era o Carlos Maul tirou toda referência ao negro e valorizou o índio. O nosso índio, o povo, autêntico brasileiro, aquele papo do integralismo que vocês conhecem, vocês estudaram isso. Pois bem, então aqui não tem realmente as críticas que o Manoel Bomfim, no *América Latina*, fez aos negreiros, como ele chamava. E a apologia que ele faz, Bomfim faz, dos negros aqui, mostrando a sua importância e tudo mais. Então ele chega a conclusão que Manoel Bomfim era racista, a partir do livro do Carlos Maul. Eu citei isso daqui porque eu vi que tem muitos estudantes, e aí eu vou dar um conselho aos estudantes: nunca leiam Carlos Maul. Ao contrário do que disse José Carlos. Nunca leiam. Vocês vão perder tempo. Esse livro eu tenho por razões históricas. Eu tenho tanta coisa do Manoel Bomfim, eu tenho tanta coisa do Manoel Bomfim em casa que esse livro era natural que eu tivesse. Agora, o que vocês devem ler são as obras do Manoel Bomfim. Isso sim, leiam. E procurar nas obras do Manoel Bomfim como ele interpretou o Brasil, como muitas coisas que ele escreveu se coloca hoje, não porque Manoel Bomfim está a frente do seu tempo. Isso é bobagem. Ninguém está a frente do seu tempo. É que os problemas perduram no Brasil, sem solução. Então quando fala em dívida externa. Em 1905, fala hoje, é a mesma coisa. Então eu agradeço a vocês e espero ter contribuído de alguma maneira para vocês pensarem e estudarem Bomfim.

Muito Obrigado.

* Doutor em Sociologia pela UnB. Professor da UnB. Autor de *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.